

PROIBIDA A MONTAGEM SEM AUTORIZAÇÃO DA AUTORA. PEÇA REGISTRADA.

Peça de teatro Tempo de Maçãs

De Glória Teixeira

Algumas frases ou palavras soltas foram baseadas na extensa obra de William Butler Yeats (1865/1939)

SINOPSE: Homem e mulher em **situação de rua**, com grande habilidade para tocar e cantar, disputam ponto de pedintes, nas ruas. Eles decidem se unir, se casam e dessa união, “nasce” uma música.

Personagens (Ela, Ele e Velha)

Cenário: Rua com monte de lixo.

(o público representa o povo na rua em frente ao lixo. Pode ser transeuntes ou feirantes)

(Mulher, vestida com um longo em trapos, entra cantando. Ela começa a procurar algo no lixo. Encontra vários objetos interessantes, como bonecas e instrumentos musicais de brinquedo, quebrados, e passa a tentar montar as peças. Vez por outra, olha para alguém do público, como se fosse para alguém que está passando na rua. Ela encontra um pandeiro, limpa e toca):

Ela: (fala para alguém do público, como se esse alguém tivesse parado para olhar pra ela):

Tá olhando o quê? Quê que foi? Eu sou artista. Posso não? Sei tocar e cantar muito bem. Escute.... (canta uma canção). Viu? Me dá uma moeda, vai! Vai ficar só olhando?

(pausa com a mão estendida, pedindo. Como nada recebe, faz um gesto com a mão, mandando sair. Olha pra outras “pessoas”)

(volta a cantar uma canção triste e a revirar o lixo. Acha uma sombrinha quebrada. Abre-a e começa a girar, dançando com a sombrinha).

Ele - (Entra. Está usando um terno rasgado e remendado, um violão nas costas e uma maleta. abre a maleta, retira um banquinho e coloca no chão, como se fosse um ponto de pedinte, senta-se, pega o violão e começa a cantar e tocar)

Ela - (fica paralisada, olhando pra ele com ódio. Antes dele terminar de tocar, ela olha para o público e pede): Uma esmolinha, para quem passa o dia sem o pão para comer...

Ele – (levanta-se furiosamente com o violão nas mãos, vai até ela, coloca-se à sua frente) E uma para quem não tem sono para dormir e vive, noite e dia, dia e noite os dissabores dos acordados...

Ela – (o empurra e fala ao público) Aqui! Preste atenção! Uma mulher largada, sozinha, abandonada e desprezada. Merece mais que uns e outros. (grita pra ele): Sai daqui!

Ele – E por acaso esse pedaço de lugar é seu? (aponta para o público) Dele? Dela? Daqui não me arredo!

Ela – Mais um pra disputar as migalhas que ganho.

(luzes brilham em tons e velocidades variadas. Os dois começam a tocar seus instrumentos, produzindo sons desconexos, gritam tentando abafar a voz um do outro e os sons que produzem. Quando ficam exaustos, se sentam de costas um pro outro e passam um tempo em silêncio, colocando as energias e a respiração no lugar).

Ela – (contida) Chega! Não vale à pena! (respira fundo). (longa pausa) Fiquei sabendo que tem muita gente passando fome, mais do que nós. Parecem zumbis, mortos vivos.

Ele – (calmo) Fiquei sabendo também que viram um homem pedindo esmolas, e que não tinha nem orelhas, nem olhos, nem nariz, nem boca.

Ela (grita) Nãaaaao! Não estou disposta a ouvir suas conversas!

Ele (se levanta, pega o violão e toca, como se quisesse espantar os problemas) Já ouviu essa música?

Ela (começa a dançar).

(pausa)

Ele – (Pára de tocar) Saí procurando algo para comer, mas nada consegui. Até os ratos parecem ter morrido de fome e sede. Até as folhas estão quase todas secas.

Ela – Então, nada tem para comer?

Ele – (agitado) Não me viu de mãos estendidas?

Ela – (desiludida) Então, comeremos ervas do mato e mais ervas do mato, e mais ervas do mato, e mais, e mais, e mais ervas do mato, até ficarmos com a boca verde!

Ele – Ahhhhh.... não! Até agora conseguimos o que comer e beber. A prova disso é que estamos vivos. Deus vai continuar nos ajudando!

(toca e canta uma canção triste)

(pausa)

Ela – (ela interrompe) Hoje eu andei pelas redondezas... Vi gente morta...

Ele - Quanta maldade, quanta ruindade...

(Ela cantarola uma música triste).

(Ele tapa os ouvidos, olha para o lixo, vê um chapéu, pega, coloca na cabeça e puxa as abas para cobrir as orelhas e não ouvir)

Ele – (interrompe ela cantarolando) Por quê zomba de mim? De você própria, cantarolando essa música de tão triste?

Ela – Me deixa em paz!

(pausa)

Ela - (surpresa, ela aponta para longe) Alí... alí... uma mulher e um homem. Acho que é gente rica, de outra região. Ela tem cara de rica e ele tem cara de rico... devem estar perdidos, mas parecem felizes!

Ele – (levanta-se e olha a distância) Claro que devem estar felizes! O que é para os ricos a aflição dos pobres? Nada! Que Deus tenha piedade dos ricos!

Ela – Não seria piedade dos pobres?? (olha ao longe) Olha, os ricos parecem vir nessa direção... vamos cantar, dançar, tocar... Quem sabe nos dão alguns trocados.

(os dois começam a tocar e cantar)

Ela (decepcionada) Pára, pára! Veja... eles pararam debaixo daquela árvore. Devem ter parado pra descansar.

Ele – Então vamos ficar vigiando. Quando passarem por nós, você faça cara de triste, voz de choro e deixe a cabeça baixa, certo?.

Ela – por quê??

Ele – Para que nos ajudem!

Ela – Nem pensar! Vou cantar.

Ele – E o que eles vão fazer com o seu canto? Nada!

Ela – Então Vou pedir trabalho. Pedirei a ela para pentear-lhe os cabelos. Você pode pedir para carregar os pertences.

Ele – Acha que nos darão trabalho?

Ela – E por quê não?

Ele – Todos os dias eu peço emprego. Sabe o que fazem? Me mandam sair, me chamam de vagabundo! Não confiam. Acha que a mulher rica nos confiará os pertences?

(toca e canta uma música. Estende o chapéu para alguém que passa)

(pausa)

Ela (olha ao longe) Não!!!

Ele – O quê??

Ela – Os ricos... foram em outra direção!

Ele – Eu não disse? Viram a gente e mudaram de direção. E tudo culpa sua! Dá licença que preciso trabalhar.

(uma velha entra e começa a revirar o lixo. Ela toca o ombro dele e aponta para a velha. Ele olha, ergue os ombros e começa a tocar e cantar.)

Ele – Se quiser, pode tocar comigo. Eu deixo. Só não vou dividir minhas moedas com você.

Ela – Eu toco porquê quero. Não preciso que me dê suas moedas. Tenho meus admiradores!

(tocam juntos. Ela pára de tocar, porque ele a está encarando)

Ela – Que foi??

Ele – Estou aqui, pensando...

Ela – pensando o que? Por quê me olha assim?

Ele - Quer se casar comigo?

Ela – como? Eu nem sei seu nome...

Ele – De que adianta nome pra gente como nós?

Ela – Nisso você tem razão.

Ele – Então? Qual sua resposta?

Ela – Quando?

Ele – Agora?

Ela – Eu aceito! Tem um anel?

Ele - (olha para o lixão e vê a velha, ainda separando coisas) Venha! (vão até a velha)

Ele – Velha, preciso de um anel, urgente!

Ela – E eu preciso de uma linda cauda, para meu vestido e também é urgente! Vamos nos casar.

Mulher – (calma) Hummm hummm urgente, urgente!... Tudo hoje em dia é urgente, é pra ontem. Paciência... paciência que aqui tem de tudo!

(enquanto ela procura, eles cantam, tocam, dançam)

**Velha – (encontra vários objetos, separa e vai colocando numa caixa de papelão).
Aqui rapaz! (entrega uma liga ou arame) E você, mocinha, vou te ajudar a se tornar a mais linda noiva. Já que tomaram essa decisão, vamos fazer direito!**

Ele – Precisamos de uma testemunha e será você, velha.

Velha – Testemunha... minha grande missão tem sido ser testemunha! Testemunha de tudo na vida... comigo nada de bom acontece. Sou sempre testemunha... vi de tudo...

Ele – Não queremos saber. Só testemunha nosso matrimônio.

(A velha vai arrumar a noiva e ela diz):

Ela – Não, aqui não! O noivo não pode ver a noiva vestida antes do casamento. Vamos ali. (saem)

Ele (corre pra onde está a mala dele, pega um espelho, um pente, brilhantina, gravata... começa a se arrumar)

Velha (entra) A noiva está pronta! (A velha volta para onde está a noiva)

Ele (pega o violão e começa a tocar uma música de casamento)

Ela (entra solenemente. A velha vem segurando uma gigantesca cauda de plástico)

(os dois se aproximam. Ele coloca o violão no chão. Recebe a noiva. A velha fica ao lado)

Ele – eu me declaro seu marido!

Ela – eu me declaro sua mulher!

Velha – E eu sou testemunha de que tudo isso é a mais pura verdade!

(Todos gargalham, a noiva dá o buquê para a velha. A velha sai da cena, rindo, feliz com o buquê. Os dois se beijam).

Ela – Espera... Vou encontrar um presente para você... (Vai até a lixeira, revira tudo e acha um livro e uma maçã mordida. Feliz, coloca o livro no chão. Ergue a maçã e grita): Ahhhhh! Olha o que achei: MAÇÃ!! Sempre é tempo de MAÇÃS!

OS DOIS (comem a maçã e curtem muito a refeição).

Ela – (pega o livro do chão e oferece a ele) – Toma! pra você!

Ele – (rindo) Pra quê isso?

Ela – Presente de casamento, ué.

Ele – é que eu... pra falar a verdade, estou ruim das vistas... bem... o que ele diz?

Ela – (finge que lê um trecho) ele conta uma linda história de amor, de uma princesa, que ouviu uma música muito bonita, como essa...

(canta um trecho de uma música saudosa, feliz)

Era um tempo frio, como esse. Aí a princesa encontrou uma varinha mágica e então, seguiu para o país das Fadas, onde ninguém passa fome ou sede, onde todos dormem em paz!

Ele – Deixa disso! Isso é apenas sonho. Esses sonhos são armadilhas preparadas pelo diabo. Ele põe nas pessoas esperanças e essas pessoas enchem o coração de orgulho e assim, se afastam de Deus.

Ela – Tem razão. Não quero essa vida.

Ele – Podemos ter filhos. Assim, você se ocupa deles, até chegar a velhice. Sempre vai ser assim. Assim acontece com a humanidade!

Ela – Não podemos! Tudo nos falta. Não temos comida, nem remédio, nem criatividade e nem qualquer outra coisa.

Ele – vamos buscar inspiração, ter lindos filhos e ficaremos ricos, riquíssimos!

(a luz diminui. Eles começam a dançar, se acariciar e compor uma música, entre risos. Cada um compõe uma frase e um trecho musical, até a música ficar pronta).

Ele (grita) Nasceu!!! (a luz se abre) Nossa filha nasceu!

Ela (grita) É linda! Vai encantar o mundo e vai se chamar: Tempo de Maçãs!

(OBSERVAÇÃO: COMO SERÁ UMA MÚSICA AUTORAL, JÁ CRIADA, COLOCA O NOME DA MÚSICA).

(os dois tocam e cantam a música recém “nascida”).

fim